

ESTRUTURAS, HIERARQUIAS E PODERES: Furtado e o “Retorno à visão global de Prebisch e Perroux”

| Carlos Brandão¹

*Quando o consenso se impõe a uma sociedade
é porque ela atravessa uma era pouco criativa.*

Celso Furtado, *Em busca de novo modelo*, 2002

O esforço de síntese realizado por Celso Furtado quando de sua apresentação no Collège de France, em 1994, que recebeu o título de “Retorno à visão global de Prebisch e Perroux”, resultou em texto, que se encontrava ainda inédito no Brasil, ao mesmo tempo sintético, denso e abrangente, que logra substanciar as articulações fundamentais entre a conjuntura e a estrutura mundiais.

Inicia com a conceituação de desenvolvimento, articula esse complexo processo com a questão das decisões e do poder, evocando os ensinamentos de seus mestres Raúl Prebisch e François Perroux, e encerra com primoroso balanço das tensões colocadas no contexto internacional naquele momento.

Perroux e Prebisch podem ser considerados os dois principais mestres de Furtado. O primeiro é mais desconhecido do público brasileiro, que geralmente o trata, equivocadamente, como um “economista regional” e o associa imediatamente ao conceito de “polos de desenvolvimento”.

Por isso discuto um pouco mais o primeiro do que o segundo, que foi seu líder, administrativo e intelectual, na Cepal. Furtado, como discípulo dos dois, desenvolverá um pensamento original, tendo como ponto de partida, da mesma forma que seus mestres, uma estrutura conceitual ancorada na incerteza, instabilidade, inovação e ação-dominância-razão, vindas respectivamente de Keynes, Schumpeter e Weber. Também os três nutrem simpatia pela visão de Marx, por sua ótica de conceber o sistema social como um processo evolutivo-histórico-contraditório.

François Perroux (1903-1987), personagem complexo, herético, foi nomeado professor, a partir de 1955, para aquele mesmo local em que Furtado proferia agora sua palestra. Perroux costumava lotar salas de aula de alunos interessados em ouvir

1. Professor do Instituto Multidisciplinar da UFRRJ, coordenador do Observatório Celso Furtado para o Desenvolvimento Regional.

suas reflexões originais e audaciosas sobre a dinâmica capitalista. Com vasta agenda de pesquisa sobre os temas centrais do funcionamento do sistema, escreveu cerca de quarenta livros, e talvez sua ideia-força pudesse ser sintetizada na afirmação de que a sociedade é estruturada com base na dominação e evolui como um sistema complexo. Segundo ele, seria preciso regular a operação da agressividade do cálculo individual-privado, antepondo regimentos à distribuição e à circulação da riqueza capitalista. Ao mesmo tempo, o capitalismo teria seu dinamismo determinado justamente pelos efeitos de dominação. Ele estudou também a influência assimétrica do que chama de “unidades dominantes” (a grande empresa oligopólica, a economia nacional cêntrica, o papel do Estado-nação), as únicas com capacidade de vislumbre, de visualização e prospecção razoáveis dos resultados prováveis das decisões cruciais e com aptidão excepcional para conservar/ampliar seus poderes. São elas as únicas capazes de exercer seu poder promovendo ações disruptivas sobre as estruturas e sobre as outras unidades, posto que dotadas de poder diferencial e informações fundamentais, que permitem “uma avaliação antecipada do resultado final da cadeia de reações”. Perroux, como discípulo de Schumpeter, gostava de enfatizar o conjunto das disparidades cumulativas de força, em particular do sistema de incitações próprio dessas unidades poderosas, portadoras de dinâmica e fonte de impulsão e promotoras de combinações não rotineiras. Em suma, segundo Perroux, “o mundo econômico é atravessado por tensões de relações de forças desiguais”. Seria preciso criar controles sociais sobre a “mercadorização das relações sociais que contamina a sociabilidade humana”. Em tal contexto, seria decisivo fortalecer “autoridades de compatibilização”, dotadas de instrumentos e potência adequados.

Raúl Prebisch (1901-1986) foi expoente e símbolo do pensamento original e autônomo latino-americano. Era equipado com excepcional capacidade de abstração, porém sempre voltado para a ação pública/política e atento às “circunstâncias que limitam o campo em que se pode agir”. Criador e primeiro diretor do Banco Central argentino (1935-43), professor (1925-48) e, então, secretário-executivo da Cepal (criada em 1948), permanecendo aí de 1949 a 1963, foi depois um inspirador e o primeiro secretário-geral da Unctad. Iconoclasta da ordem internacional estabelecida, denunciador das mazelas promovidas pelas políticas ortodoxas e revelador da natureza específica do capitalismo periférico, Prebisch irá alertar para as circunstâncias da estrutura centro/periferia, que engendra recorrentemente efeitos de dominação. Ao realizar profunda investigação das flutuações cíclicas e da dinâmica econômica latino-americana *vis-à-vis* à dinâmica do “centro cíclico principal”, afirmará a necessidade de regular e planejar o investimento e as relações comerciais com o exterior.

Pode-se dizer que Furtado seguiu e desenvolveu os mais importantes *insights* de Perroux e Prebisch, que possuíam interpretações da realidade que partiam de uma perspectiva macrossocial e política, no sentido de buscarem a construção de uma teorização das decisões que deveria ter no seu núcleo metodológico “o papel dos centros de poder”. Os três sempre estiveram orientados pela pergunta decisiva: “Que forças sociais acumulam capacidade de comandar decisões estratégicas?”.

São três importantes intérpretes da dinâmica capitalista que procuraram analisar as decisões cruciais e questionar em quais atores, agentes e sujeitos elas se apoiam, e qual o estatuto decisional destes, buscando uma composição analítica que leva em conta a desigualdade dos agentes, porém ressalta sempre a força da organização que a dominação engendra. Ou seja, concebem o desenvolvimento desigual como envolvendo processos de dominação e irreversibilidades diferenciais, que impõem hierarquias, relações de força assimetricamente constituídas e exercidas por meio de variados veículos de poder. Está-se na presença recorrente da imposição de hierarquias, relações de força desigualmente constituídas e exercidas que têm poder ordenador/organizador das estruturas. Sempre são erguidas estruturas com complexidade díspar, com potência assimétrica e heterogênea, configurando lógicas hierarquizadas. A discussão desses processos e forças desemboca na questão terminal do poder diferencial de capacidade de decisão, fruto de uma correlação de forças. Como processo-síntese, o poder de comando, de dominação de classe, é exercido e legitimado tendo por base determinada equação política, que se configura em um arco de alianças, um pacto de poder, assentado em certa correlação de forças políticas, que constrói direção e domínio.

Ao mesmo tempo, o processo de desenvolvimento deveria ser, segundo Furtado, encarado como exercício de criatividade e de imposição de valores. Tal processo permitiria descortinar horizontes de alternativas e alargar o campo do possível, “concretizando as potencialidades humanas”. O substrato do processo de desenvolvimento é a inventividade cultural e o aumento da capacidade criativa. Seria preciso colocar o potencial criativo a serviço, e na direção, do enriquecimento do seu universo de valores. Lograr transitar da racionalidade com respeito aos meios (instrumentos) para a racionalidade com respeito aos fins (valores substantivos). Essas reflexões tinham sido apresentadas didaticamente em *Pequena introdução ao desenvolvimento* (1980).

Já em “As aventuras de um economista brasileiro”, em 1972, Furtado havia sintetizado sua agenda, afirmando a necessidade de se ter um “enfoque dos processos”, a partir de um olhar sobre as estruturas e os centros de decisão,

que lhe havia permitido perceber desde o início a diferença entre instituições e estruturas. Assim, a mudança no quadro institucional podia ser irrelevante ou permanecer no plano formal. Por outro lado, em certas circunstâncias, se podia avançar em modificações estruturais sem prévias alterações no quadro institucional.

A partir dessa visão sistêmica propiciada por sua agenda, que concebe o movimento de conjunto das estruturas, instituições e centros de decisão, em sua conferência no Collège de France, em 1994, depois de desenvolver reflexões nesse sentido e creditar a Perroux e Prebisch a fonte inspiradora de tal interpretação, Furtado parte então para uma primorosa abordagem globalizante da conjuntura e das estruturas geopolítica e geoeconômica internacionais daquele momento — para ler perspicazmente a conjuntura mundial, as problemáticas do subdesenvolvimento, da exclusão social e da crescente concentração e polarização do poder (das decisões cruciais) e da riqueza mundiais, destacadas nesta porção final de sua fala.

Chama atenção a visão prospectiva sobre a Europa após o empreendimento monumental em construção, dotado de enorme inventividade política, que é o desafio da elaboração de uma estratégia coordenada na escala supranacional de concertação, consubstanciada naquele momento em Maastricht (1992): “O desafio que se coloca aos povos da Europa é inventar um novo estilo de desenvolvimento menos fundado na acumulação e mais atento à descoberta das origens profundas da angústia humana”.

Por fim, caberia destacar a presciência de Furtado ao defender que “países como a Índia, a China e o Brasil, que se caracterizam por uma heterogeneidade cultural e/ou econômica aguda, se veriam submetidos a pressões crescentes no sentido de sua desarticulação como sistemas econômicos integrados”. Ele caracterizava sempre esses três espaços nacionais como “sistemas econômicos de grandes dimensões territoriais e acentuadas disparidades regionais e estruturais”, com fortes desafios para “sobreviverem e crescerem por uma vontade política apoiada em um projeto com raízes históricas”.

A importância desse pequeno mas denso texto, que se encontrava inédito no Brasil, deve nos inspirar para buscarmos seguir os passos dos três mestres, procurando sempre a reflexão crítica sobre os campos e as arenas de luta e de conflituosidade, postos nas escalas nacional e mundial, do prisma dos centros de poder, de suas decisões e de seu desencadeamento. Investigar as hierarquias e hegemonias de poder de comando, as ações e as cadeias de reação das decisões e suas “séries causais”, examinando assimetrias e

irreversibilidades na influência de algumas decisões sobre outras. Sobretudo as decisões dos agentes mais poderosos e a natureza da transmissão dos impulsos iniciais de suas decisões (e as reações provocadas) ao longo da cadeia, com ênfase nas macrodecisões, por natureza políticas, pois capazes de modificar o curso, a trajetória da realidade.

A análise da lógica e dos interesses ao longo das cadeias de decisões e as reações às decisões tomadas é essencial para se descortinar possibilidades de promover transformações que logrem desatar as energias da criatividade contida e redirecioná-las para o contexto maior das opções sociais e da busca soberana por ampliação durável de seu leque de oportunidades e de enriquecimento do universo de valores capazes de incrementar a capacidade de ação, superando a passividade e o imobilismo das decisões que perpetuam as estruturas anacrônicas. Acho que esse é o centro dos ensinamentos desses três grandes intérpretes do capitalismo, ensinamentos que agora ficam mais dignificados pela publicação deste texto.

§